

Леонид Добычин

Publicado com o apoio do  
Instituto de Tradução (Rússia)



ИНСТИТУТ ПЕРЕВОДА

AD VERBUM

Contos russos modernos (1900-1930)

## **A Cidade Ene**

**Leonid Dobýtchin**

*Леонид Добычин*

Tradução do russo **Moissei Mountian**

Prefácio **Valéri Sájin**

Capa e ilustrações **Karina Aoki**

**KaLiNka**



## Sumário

- 9 Prefácio por Valéri Sájin
- 21 **A Cidade Ene** Город Эн
- 133 Colaboradores





Prefácio  
Livro fatídico  
Valéri Sájin

Na primavera de 1929, em Leningrado, o almanaque *A banheira de Arquimedes* era preparado para publicação. Esse título deveria informar ao futuro leitor de uma descoberta comparável à descoberta de Arquimedes: ao mergulhar na leitura do almanaque, ele descobriria uma literatura soviética inovadora e fora do comum e leria artigos dedicados ao estudo dessa literatura. Na qualidade de pesquisadores, deveriam se apresentar os chamados filólogos “formalistas”, que declaravam a necessidade do estudo da poética da literatura, de seu aspecto estético, e não do ideológico. Quanto aos autores, foi proposta a participação de escritores cujas obras correspondessem preferencialmente a essa concepção: Daniil Kharms, Aleksánder Vvediénski, Nikolai Zabolótski,<sup>1</sup> Velimir Khlébnikov e alguns outros — em suas composições a estilística prevalecia à ideologia ou a desprezava em absoluto. Também a Leonid Dobýtchin foi proposto participar da *Banheira de Arquimedes*.

A edição de uma coletânea experimental como essa em 1929 foi demasiado inconveniente. Exatamente nesse ano se iniciou a ofensiva ideológica total do poder comunista em todas as esferas da vida: desde a proibição da celebração do ano-novo com árvores de Natal (consideradas cerimoniais religiosos descabidos) até a eliminação de editoras de cooperativas e particulares e, gradualmente, a proibição de inúmeras e variadas associações literárias — deu-se início nesse ano à formulação da União dos Escritores Soviéticos unificada (e única).

1. Aleksánder Vvediénski (1904-1941), Daniil Kharms (1905-1942) e Nikolai Zabolótski (1903-1958) fizeram parte da Associação para uma arte real, a *Oberiu*, grupo de vanguarda de Leningrado criado em 1928. (N. da E.)

Em novembro Dobýtchin enviou a Leningrado um conto que escrevera para *A banheira de Arquimedes* (era “O retrato”), mas o almanaque não estava destinado a sair.

Em todo caso, o conto de Dobýtchin foi impresso no fim de março do ano seguinte na revista *Construção (Stroika)*. A publicação foi antecedida por uma nota da redação. A nota apresentava, em particular, as pretensões ideológicas da obra de Dobýtchin naquele momento, mas pode servir para explicar os motivos principais da recusa da edição do almanaque para o qual ele tinha sido convidado a participar. “(...) se o conto de Dobýtchin subjetivamente é muito curioso, objetivamente — nas condições do estado atual da literatura soviética — assinala o mesmo que os poemas de N. Zabolótski. Uma percepção ‘analítica’ do mundo que o decompõe em partes ‘objetais’ ainda não unidas entre si por uma ligação orgânica, o que é um atributo que contém em si o perigo da visão de mundo fragmentada típica da burguesia.” Na conclusão, constatou-se que essa “tendência” era característica “de um grupo inteiro de jovens escritores”.<sup>2</sup>

Sob a “ligação orgânica” das partes do mundo, da qual se falou na referida nota da redação, subentende-se a essência da ideologia corrente — essa era a exigência política imposta de forma inexorável pelo poder à literatura soviética.

Dobýtchin não correspondia organicamente a essa exigência. E por essa razão fora convidado para participar do almanaque dos “formalistas”.

Até 1929 ele só havia publicado cerca de uma dezena de contos e, além disso, cada um tinha apenas de uma a três ou quatro páginas (em toda a sua vida criativa Dobýtchin tinha publicado dezesseis contos, e o maior deles com muito custo alcançou oito páginas). Que características os autores da *Ba-*

2. *Stroika*, 1930, n. 3, p. 7. (N. do A.)



*nheira de Arquimedes* viram nos textos reduzidos de Dobýtchin que seriam condizentes com a apresentação de uma literatura soviética fora do padrão, inovadora?

Vamos recorrer a uma comparação.

Nesse mesmo almanaque teriam sido publicados, entre outros, contos de Daniil Kharms. Como este, por exemplo: “Um bonde vem vindo. Há oito passageiros no bonde. Três estão sentados: dois à direita e um à esquerda. E cinco estão de pé e seguram-se em alças de couro: dois à direita e três à esquerda. As pessoas do grupo sentado olham umas para as outras e as do grupo de pé estão de costas umas para as outras. Ao lado a cobradora está de pé em cima de um banco (...)”. E assim por diante. Aqui (e em várias outras miniaturas de Kharms que ocupam às vezes metade de uma página) significativamente há ausência de enredo com desenlaces motivados de uma ou de outra maneira e eliminação total de reflexão, seja do autor seja da personagem. Era realmente uma “outra” prosa que se distinguia essencialmente da literatura russa tradicional — do manual da vida, da literatura que se ocupa da resolução de “problemas eternos” e da busca de respostas a “questões malditas”.

Quanto a esse aspeto a prosa de Dobýtchin se mostra particularmente próxima da prosa de Kharms. “Velhas senhoras arrastavam-se com vassourinhas de banho e toalhas amarradas na cintura. Crostas de neve estalavam. Escurecia. Lampiões ardiam sem brilho. Um pequeno sino tilintou: Málkina, funcionária do Jenotdel, olhando de vez em quando para os transeuntes, saía em missão. Sentada num banquinho alto, a inválida Katz, imponente, concluía a venda de um pãozinho doce. O agulheiro assoprou a corneta. A entrada da ponte afastava-se para a escuridão, e de lá, reluzindo, uma faísca aproximava-se.” (“Konopátchikova”)<sup>3</sup> Ou: “Igrejas se erguiam. Ruas des-

3. DOBÝTCHIN, Leonid. Konopátchikova. *Encontros com Liz e outras histórias*. Tradução: Moissei Mountian. São Paulo: Kalinka, 2009, p. 74. (N. da E.)



Os nomes e termos russos foram transliterados conforme padrão adotado pela USP. Os nomes e as expressões de origem alemã, polonesa e francesa em geral seguem grafia original de cada país, no entanto em algumas ocorrências, que pareciam carregar marcas de fala, foram transliterados conforme se apresentam no romance, em que foram sempre russificados, ou seja, transliterados para o cirílico conforme a pronúncia. Feriados religiosos foram grafados em caixa-baixa, conforme o texto seguido pela tradução. As notas de rodapé são do tradutor com colaboração da edição.

A Cidade Ene

*A Aleksánder Pávlovitch Drozdón*

Chuviscava. As barras da roupa de *maman* e de Aleksáandra Lvovna Lei estavam erguidas e em alguns lugares fixas, com fivelas, em tiras de elástico que eram costuradas num cinto de borracha. Chamavam esses elásticos de *pajens*. As pedras molhadas do pavimento das ruas e os tijolos das calçadas brilhavam. Gotas caíam dos guarda-chuvas. Nas tabuletas das lojas, índios marrons e nus, com penas na cabeça, fumavam. — Não olhe para trás — *maman* me dizia.

O castelo-prisão, de quatro andares, com torres, podia ser visto adiante. Lá celebravam o dia da Nossa Senhora dos Aflitos, e nós estávamos indo para a missa. Aleksáandra Lvovna Lei dava lições de moral e *maman*, enternecida, assentia.

— No fim das contas — diziam elas —, seria difícil encontrar lugar mais apropriado para essa festa do que a prisão.

Assoando o nariz, uma dama imponente com uma gola de pele nos ultrapassou e, aproximando o pincenê dos olhos, lançou-nos um olhar benevolente. Seu rosto moreno lembrava uma imagem de Tchítchikov.<sup>7</sup> Nos portões todos se detiveram para desafivelar os *pajens*, e a dama-Tchítchikov nos olhou mais uma vez. De suas orelhas pendiam brincos de pedra marrom com brilhos. — Charmosa — disse *maman*.

Nós entramos na igreja e nos apinhámos em frente à caixa de velas. — É para a *proskomidia*<sup>8</sup> — senhoras balbuciarão separamo moedinhas. Pope Fiódor, em um traje dourado com ramalhetes azuis, saudando-nos, meneava o turíbulo em nossa direção. Fiquei lisonjeado por ter nos recebido tão gentilmente. Atrás do castelo passava a estrada de ferro e se ouviam apitos. Na iconóstase eu reparei em Nossa Senhora. Ela não era descar-

7. Tchítchikov, personagem principal de *Almas mortas* (1842), de Nikolai Gógol (1809–1852).

8. *Proskomidia*, primeira parte da liturgia ortodoxa.

nada e escura, mas cheiinha, e seu lenço esvoaçava lindamente em suas costas. Ela me agradou. Os prisioneiros nos fitavam do coro. — Endireite-se — *maman* me ordenou.

Ouviu-se um tropel e, fazendo o sinal da cruz, apareceram as alunas. Uma professora as enfileirou. Fez o sinal da cruz e, ajeitando a saia por trás, olhou-a de relance. Depois, semicerando os olhos, avistou-nos e nos cumprimentou. — *Madmaselle*<sup>9</sup> Gorchkova — esclareceu Aleksándra Lvovna, fazendo-lhe um aceno de cabeça. A dama-Tchítchikov de tempos em tempos dirigia-nos o olhar.

De repente um guarda da prisão trouxe o leitoril e deu um tossido. Todos se aproximaram. Pope Fiódor apareceu limpando o nariz com um lençinho. Deu-se um ar de importância e fez um sermão a respeito das aflições.

— Não se deve evitá-las — dizia ele. — Deus nos visita por meio delas. Um santo que não tinha aflições pôs-se a chorar amargamente: “Deus me esqueceu”, afligia-se ele.

— Ah, como isso é verdadeiro — admiravam-se as mulheres atravessando o portão e entretendo-se novamente com os *pajens*. A chuva amainou um pouco. *Madmaselle* Gorchkova nos alcançou. Aleksándra Lvovna Lei nos apresentou a ela. As alunas nos rodearam e, ao serem enxotadas por *madmaselle* Gorchkova, afastavam-se correndo e então voltavam aos saltinhos. Eu me senti indignado.

Assim paramos por alguns minutos. Locomotivas apitavam. Pope Fiódor subiu num *drójki*<sup>10</sup> e, tocando nas costas do cocheiro, partiu. Nós ficamos conversando. Aleksándra Lvovna Lei gesticulava e se expressava com voz grave e monótona. — Verdade, verdade — *maman* concordava com ela, agitando de vez em quando o chapéu. *Madmaselle* Gorchkova agasalhava-se no boá de plumas, erguia as sobranceiras e se-

9. *Madmaselle*, russificado do francês (corruptela).

10. *Drójki*, do russo, carruagens leves, para distâncias curtas.

micerrava os olhos. Seu olhar retinha-se em mim e uma ideia f piscou em seu rosto. Eu fiquei inquieto. Nesse meio-tempo, a dama-Tchítchikov chegou até a esquina, lançou um olhar para trás e desapareceu.

Após nos despedirmos de *madmaselle* Gorchkova falamos dela. — Bem-educada — a elogiamos e, entrando na rua principal, nos calamos. Rodas troavam. Vendeiros, parados nas soleiras, atraíam-nos para dentro. — Vamos dar um pulinho ali — disse repentinamente *maman* e nós entramos na livraria L. Kusman. Lá, à meia-luz, sentia-se o cheiro agradável dos globos e das encadernações. A lânguida L. Kusman nos fitava tristemente com olhos inexpressivos. — Eu vejo a senhora tão raramente — disse ela, afável. — Dê-me *A história sagrada* — pediu *maman*. Todos se viraram e fixaram os olhos em mim.

L. Kusman me fez um sinal com os olhos, enfiou uma figura na *História sagrada*, embrulhou agilmente a encomenda e a entregou. — Um rublo e dez — anunciou ela o preço e depois disse: — Para a senhora, um rublo.

Descobriu-se que era a figura de um “anjo”. Coberto de verniz, tinha umas saliências. *Maman* o colou na sala, no papel de parede. — Para que ele faça você comer como se deve — disse ela. Durante as refeições, eu não tirava os olhos dele. — Que encantador — pensava eu amorosamente.

## 2

O pai saiu para a repartição onde recebiam os recrutas. *Maman*, ainda não arrumada, ocupava-se com a faxina. Eu peguei um livro e li como Tchítchikov chegou à cidade Ene<sup>11</sup> e a todos agradeceu. Como atrelaram sua sege, como foram visitar os proprietários rurais, e o que comeram lá. Como Manílov<sup>12</sup> se

11. Referência à cidade N para onde vai Tchítchikov em *Almas mortas*.

12. Manílov, primeiro proprietário visitado por Tchítchikov, em *Almas mortas*.